

# Boletim de Pastoral Litúrgica

SECRETARIADO NACIONAL DE LITURGIA

6

JULHO . AGOSTO . SETEMBRO DE 1977

O tempo de verão é tradicionalmente consagrado às diversas festas locais. As condições do tempo, a presença dos de fora que vêm a férias, os dias maiores, tudo concorre para que as pessoas se juntem e dêem largas a necessidade de festa que anda dentro de cada um.

Tradicionalmente, as festas entre cristãos tem andado ligados a celebrações religiosas. A festa da terra é, muitas vezes, a festa do Santo local, por vezes ainda no dia próprio assinalado no calendário ou nas suas imediações. Hoje em dia vai sucedendo, cada vez com mais frequência, que as festas se desligam de todo dos temas religiosos: o povo que vive sem religião faz festas não religiosas. Mas na maior parte das vezes, ainda (e este ainda é terrível!), ainda quer festa religiosa, mas já muito equivocada nos sentimentos íntimos, nas expressões exteriores, nos fins que intenta.

Pareceu por isso oportuno consagrar a maior parte deste número às ditas festas populares. Dadas as limitações deste Boletim, apenas alguns aspectos foram considerados. Pretendem ser uma achega para o conjunto dos problemas postos pelos festas populares. Assim, apresentam-se elementos para reflexão mais no campo dos princípios em Festas religiosas — festas do povo? As conclusões práticas têm de nascer sempre de princípios certos.

*O desejo de ajudar a repensar a acção pastoral neste campo tão cheio de problemas inspirou a atenção dada a certos Possíveis elementos para a celebração das festas religiosas. São apenas alguns tópicos sobre pontos que acontecem quase por toda a parte.*

*A vontade de apresentar esforços já concretizados neste capítulo levou-nos a pedir o testemunho de uma equipa pastoral a braços com o problema das Festas populares e evangelização.*

*O facto de ultimamente terem ocorrido variar festas com uma Missa indicada para a Vigília e as hesitações que se puderam presenciar a propósito das mesmas, levou ao Apontamento sobre Questões de Calendário.*

*O Noticiário do costume ocupa-se particularmente do próximo III Encontro Nacional de Pastoral Litúrgica, que espera ver reunidos em Fátima, de 19 a 23 de Setembro, grande parte dos nossos leitores, que nos ajudarão a fazer sempre melhor este trabalho que desejaríamos a todos pudesse aproveitar muito.*

# FESTAS RELIGIOSAS

## — FESTAS DO POVO?

O tema das festas é um assunto demasiado complexo para se lhe tocar de ânimo leve. Querer exprimir por palavras um dado da existência, de algum modo indefinível e incontrolável, é atentar contra a própria natureza da festa. Querer passar a escrito e em prosa o que se vive na festa será talvez matar em si mesmo o próprio espírito festivo. Depois, falar da festa de uma forma genérica, quando ela é sempre a festa de um povo com as suas características próprias, segundo o lugar, as condições sociais e a cultura, é desenraizá-la do único humus vital que a pode sustentar.

Daí a dificuldade de uma análise objectiva que leve a um conhecimento concreto da realidade e a impossibilidade de apontar pistas uniformes de actuação pastoral.

### 1. Aspectos sociológicos da festa

A festa é um fenómeno universal. Todos os povos têm tido e continuam a ter as suas festas: festas religiosas, festas profanas, festas onde o religioso e o profano estão unidos, como, entre nós, o baptismo, o casamento ou a festa da terra.

Há quem fale do declínio da festa. De facto, num mundo de trabalho e de racionalização da vida que só pensa nos meios e nos resultados, não deixa de parecer absurda a utilidade das festas. Mas a crítica deste mundo de objectivos, produções e resultados é cada vez maior, porque se está sentindo que nele se empobrece enormemente o humano. Ora, quanto maior é essa crítica tanto maior é a importância das festas, da capacidade lúdica e das liturgias<sup>(1)</sup>.

O homem não é só uma criatura que trabalha e pensa, mas também que canta, dança, joga, conta histórias e celebra. É um *homo festivus*.

---

(1) Cf. J. MOLTSMANN, *A festa libertadora*, in *Concilium* 2 (1974).

Toda a festa é uma afirmação exuberante de vida, um sim à vida, um juízo favorável sobre a nossa existência e do mundo inteiro, que exige o contraste com o ritmo diário. Quebrando a rotina e abrindo o homem aos outros, a festa alarga a sua experiência e possibilidade de inovação. Festas e fantasia permitem ao homem experimentar o seu presente de uma forma mais rica, mais alegre e criadora<sup>(2)</sup>.

Numa sociedade ávida de sucesso e de dinheiro, há necessidade que renasçam as festas manifestamente improdutivas e as celebrações expressivas. Num mundo em que tudo se paga, se compra, se vende, a festa apresenta-se como a expressão de um anseio de gratuidade: «fazer festa» é viver do inútil<sup>(3)</sup>.

A festa oferece ao homem que vive habitualmente no anonimato, um tipo de relações que não é o da vida corrente. As relações humanas na festa escapam à coerção social habitual e tornam-se mais espontâneas. Não descrevemos aqui a festa tal como é vivida efectivamente, porque também ela pode ser recuperada pela sociedade de consumo, mas segundo as características normalmente presentes em todas as festas.

A festa é antes de mais uma abertura à *universalidade*: toda a família se reúne, os amigos vêm de longe, toda a gente faz parte da festa e toda a gente está contente. Esta nota significa que uma festa inclui virtualmente todas as coisas e todas as pessoas; o que se verifica logo que a cabeça de um estranho assoma à porta de uma casa em festa; quer se queira, quer não, é a fisionomia dum hóspede, dum irmão. Se o afastamos, se o impedimos de entrar, corremos o risco de destruir a nossa festa<sup>(4)</sup>.

Mas o importante é o próprio clima festivo, a celebração. A festa é antes de mais um fenómeno de *comunhão* e aquele que a vive verdadeiramente deve abandonar toda a tendência para a apropriação individual, para os exclusivismos arbitrários ou egoístas. A festa é essencialmente um fenómeno de riqueza, não material mas espiritual. Toda a festa celebra antes de mais a sua própria comunhão. Se somos incapazes de participar na festa, então ela será para nós uma espécie de charada, uma coisa sem consistência, porventura até sem poesia e sem gosto. A festa é um compartilhar de alegria, um acolhimento a todos, uma disponibilidade, uma intimidade, uma amizade. É um clima de alegria interior ligado a um júbilo exterior onde cada um se ultrapassa

(2) Cf. H. Cox, *La Fête des Fous*, pp. 21-23.

(3) *Ibidem*, pp. 16-17; ver ainda: *Une Eglise qui célèbre et qui prie*, Assembleia plenária do Episcopado Francês — Lourdes 1973, pp. 28-33.

(4) Cf. F. DEBUYST, *A festa, sinal e antecipação da comunhão definitiva*, in *Concilium* 9(1968) 10-12.

a si mesmo, acolhe os outros, compartilha aquilo que possui<sup>(5)</sup>. É o que exprime São Jerónimo ao dizer por paradoxo que não é a festa que provoca a assembleia, mas a assembleia que cria a festa<sup>(6)</sup>.

Universalidade e comunhão requerem uma terceira nota que diz respeito ao *tempo de festa*. Onde e quando começa a festa? O mais simples será notar que a festa já está presente no coração daqueles que a preparam. Esta preparação possui um encanto próprio, há nela uma espécie de alegria, uma expectativa que projecta sobre a festa uma primeira luz. Seremos ao menos capazes de precisar o momento em que a festa termina? Sabemos somente que é difícil acabá-la bem. Mas o que importa aqui é já a recordação da festa. Ora, também esta recordação ultrapassa quase sempre o êxito da festa. Recordação e antecipação constituem evidentemente um sinal da precaridade da festa. Mas são elas, no entanto, que nos põem no caminho do seu significado profundo.

As ocasiões de festa aumentam enormemente a amplitude e a intensidade da relação do homem com o passado. A fantasia oferece uma série infinita de permutações futuras. A festa religa-nos ao mesmo tempo ao passado e ao futuro, mas o acento varia segundo os casos.

Concluindo podemos dizer que, se a festa dos homens tem um princípio e um fim, pode todavia falar-se de uma festa permanente, fundada na bondade da criação e na fraternidade de todos os homens. Pode dizer-se que em toda a festa o passado, o presente e o futuro tendem para a convergência e acabam por se identificar. De qualquer modo, são celebrados nos mesmos símbolos, recapitulando toda a história<sup>(7)</sup>.

Este dado leva-nos tão perto das características da festa cristã que poderíamos sem mais ceder-lhe o lugar.

## 2. Originalidade da festa cristã

A festa cristã começa por retomar e aprofundar as três notas que atribuímos mais acima a toda a festa humana.

O seu primeiro gesto é ratificar o conjunto dos dons de Deus, dizer 'Amen' a toda a criação. Ela permite-nos atingir, com uma facilidade renovada, a festa permanente que jaz escondida na profundidade

<sup>(5)</sup> *Ibidem*.

<sup>(6)</sup> *Coment. in epist. ad Galat.*, lib. 2, c. 4: PL 26, 378.

<sup>(7)</sup> Cf. F. DEBUYST, *art. cit.*, pp. 11-12; H. COX, *o. c.*, pp. 30-36.

das coisas e dos corações, orientando para a plenitude final<sup>(8)</sup>. Ela consiste essencialmente na afirmação exuberante da vida, num sim à vida, num juízo favorável sobre a nossa existência. A festa exprime uma solidariedade com o mundo, adere ao «muito bom» que Deus pronunciou sobre ele<sup>(9)</sup>.

Mas a festa cristã vai mais longe. Ela vai beber à própria fonte dessa plenitude, ao acontecimento que inaugura os tempos escatológicos. O seu verdadeiro tema é sempre o memorial vivo, activo, da segunda criação. É essencialmente uma 'anamnese' jubilosa da morte e ressurreição do Senhor, comunhão dos homens com Deus e dos homens entre si, participação na superabundância da vida e caridade que, desde a manhã de Páscoa, está sempre ao nosso alcance<sup>(10)</sup>.

A originalidade da festa cristã nunca apareceu tão manifesta como nos nossos dias. O culto cristão é antes de mais o «jogo» do Deus verdadeiro que vem viver no homem os mistérios salvadores de seu Filho incarnado. O seu movimento mais característico não é o da «religiosidade»: movimento ascendente do homem em busca do divino. É inverso: movimento descendente de Deus que vem procurar o seu povo para o fazer «passar» ao seu Reino. Ao povo compete acolher o seu Salvador e fazer-lhe festa<sup>(11)</sup>.

Desta originalidade devemos reter, com Gelineau<sup>(12)</sup>, duas consequências:

Antes de mais, a participação viva nesta festa é inteiramente função da fé. A liturgia não pode ser uma festa senão para aqueles que crêem. O interesse que se pode ter é à medida da própria fé. Daí que a renovação das nossas festas seja inteiramente condicionada por esta obra primeira da evangelização.

Um outro aspecto que não devemos esquecer é o seguinte: os sinais sensíveis que compõem a celebração pelos quais se exprime a festa não nos interessam por si mesmos, mas na medida em que nos permitem entrar no jogo invisível do Deus que nos salva. A celebração mais festiva não é aquela em que há mais ritos, mas aquela em que o mistério é mais participado (cf. SC 113).

A festa está ligada a uma re-actualização constante do baptismo e sobretudo a uma inserção, sempre renovada, no corpo adulto dos

(8) Cf. F. DEBUYST, *art. cit.*, p. 13.

(9) Cf. J. MATEOS, *Cristianos en Fiesta*, Madrid 1972, pp. 238-239.

(10) Cf. F. DEBUYST, *art. cit.*, pp. 13-14.

(11) Cf. J. GELINEAU, *Le culte en esprit dans un peuple en fête*, in LMD 79(1964) 65 s.

(12) *Ibidem*.

fiéis, na caridade eucarística. Isto significa que também a alegria festiva é um alegria haurida no Espírito, na alegria pentecostal e escatológica. Os cristãos festejam como os demais homens; se a sua celebração se distingue das outras, não é por adoptar formas exóticas, mas porque nela cintila o Espírito de Deus.

### 3. Festa religiosa e festa profana

A distinção entre o religioso e o profano não é lá muito fácil. Caracterizar a festa religiosa e a festa profana pelo seu objecto respectivo não parece apresentar dificuldade. Mas, se nos referimos à opinião comum, apercebemo-nos que a linguagem é flutuante. Por um lado, o facto religioso encontra-se na festa a diferentes níveis sem que apareça sempre como indispensável. Por outro lado, toda a festa, ainda que puramente laica nas suas origens, tem certos caracteres de cerimónia religiosa: provoca a aproximação dos indivíduos, põe em movimento as massas e suscita um certo grau de fervor que não estará muito longe de um estado religioso<sup>(13)</sup>.

Para distinguir as festas religiosas e as festas profanas, temos normalmente a divisão cómoda das religiões organizadas que, segundo o seu ordenamento, têm as suas «festas religiosas», sendo as outras, que provêm de outras instâncias, denominadas «profanas»<sup>(14)</sup>. Ter-se-ão entretanto em conta os casos intermédios. Assim, nas festas religiosas, distinguem-se aquelas que se ordenam à volta de uma celebração litúrgica, em que a própria ideia de uma cerimónia religiosa de certa importância evoca naturalmente a ideia de festa. As outras são as festividades populares sobre temas mais ou menos religiosos, quando muito com a participação dos ministros do culto para um ofício ou uma bênção. São as festas que normalmente se fazem à sombra da Igreja e são por vezes identificadas como festas mistas, festas de arraial, festas com uma parte religiosa e uma parte profana.

É da complexidade de relações entre o religioso e o profano que nascem muitas vezes as tensões internas a propósito das festas, podendo levar nalguns casos à supressão da própria festa religiosa. Outras vezes procuram-se soluções para fazer face a exigências só aparentemente contraditórias. Não se pode interpretar a festa como tempo sagrado

<sup>(13)</sup> Cf. J.-Y. HAMELINE, *Sélection de textes sociologiques sur la célébration*, in LMD 106(1971) 124.

<sup>(14)</sup> Cf. F. A. ISAMBERT, *Notes sur la fête comme célébration*, in LMD 106 (1971) 108.



em oposição ao profano. Para o cristão o tempo profano não existe; nada há profano, se não se profana de propósito; em consequência, não há diferença qualitativa entre o tempo da vida e o momento da festa. A festa não é recurso ao sagrado, mas expressão e alimento da vida cristã quotidiana e explosão do seu conteúdo<sup>(15)</sup>.

Parece pois necessária uma reflexão aprofundada sobre os dados existentes, bem como sobre a mentalidade subjacente às relações entre o religioso e o profano. Ditar juízos morais sobre fenómenos culturais não parece ser a melhor forma de resolver os problemas. O mundo cultural não se muda de um dia para o outro e muito menos com códigos ou à força.

Uma possível reflexão poderia partir de questões como estas:

- religioso e profano para o homem são duas realidades *a se*, estáticas e antagónicas?
- os pastores que são *para* determinada comunidade não são também *dessa* comunidade?
- não deveria haver por parte de todos uma maior conversão à fé e por parte dos pastores uma maior conversão à festa?

Como diz Isambert<sup>(16)</sup>, o estudo sociológico das celebrações, se se põe de lado a etnologia e o folclore, está ainda nos seus princípios. O relativismo é um apelo à prudência. Mas esta não tem valor, se os operários não entram na seara e se não se continuam e alargam os inquéritos sobre as formas tradicionais e novas das celebrações.

#### 4. A festa e alguns dos seus aspectos

##### a) *A festa e o santo da terra*

«A Igreja, segundo a tradição, venera os santos e as suas relíquias autênticas, bem como as suas imagens. É que as festas dos santos proclamam as grandes obras de Cristo nos seus servos e oferecem aos fiéis os bons exemplos a imitar» (SC 111).

Ora, um dos aspectos que muitas vezes se critica nas manifestações religiosas é uma certa superstição e uma visão deformada da vida dos santos. Há quem diga que se trata de religiosidade popular, reserva inestimável da Igreja católica. Mas não será antes o efeito dos «sermões dos santos» em que a lenda, a fábula, o milagre e o ridículo andavam

<sup>(15)</sup> *Ibidem*; ver ainda MATEOS, *o. c.*, p. 285.

<sup>(16)</sup> Cf. F. A. ISAMBERT, *art. cit.*, p. 110.

à mistura?. E não é verdade também que, na Igreja, se tem utilizado a recordação dos santos mais para forçar ao conformismo do que para encorajar à criatividade? Como pode ela agora assumir o risco da fidelidade ao «mundo que há-de vir»<sup>(17)</sup>?

#### b) *Festa e solenidade*

Festa e solenidade são termos muitas vezes tidos por sinónimos. Na realidade, isso é muito discutível. A festa é liberdade, alegria, espontaneidade, comunicação, criação. A solenidade implica gravidade, um cerimonial fixo, certo sabor arcaico, certo ar formal e de circunstância. Na festa, as pessoas sentem-se à vontade; nas solenidades, sentem-se inibidas. O homem contemporâneo conhece a festa, mas talvez não reconheça a liturgia como festa, dado que o seu tom é ainda o da solenidade. E, no entanto, a direcção ideal da liturgia deveria convergir com a tendência da civilização contemporânea para a reabilitação da festa.

Uma singular exigência de verdade se manifesta hoje na liturgia, especialmente junto dos jovens, por um desejo de despojamento, de sobriedade e simplicidade nos ritos. Mas ao mesmo tempo, para que estes ritos, conduzidos à sua verdade transparente, sejam plenamente significantes, é necessário restaurar uma celebração comum, viva e festiva, uma expressão mais total da assembleia<sup>(18)</sup>.

#### c) *A procissão*

A festa traz consigo normalmente a imagem das procissões rituais. As procissões têm a sua origem num ontem, um ontem muito remoto que se estende para além do cristianismo, a que em Roma se chamavam «pompos» e às quais se era convidado a renunciar no momento do baptismo.

Procissão, cristianizada depois, diz antes de mais solenidade, conservação, certo envolvente social. E nada mais difícil de desarreigar que as velhas formas religiosas, mantidas à força de fidelidades a festejos e colgaduras. Depois encontramos-nos com o «passo» lento, sem a menor pressa (procissões rápidas é algo de contraditório), o passo

<sup>(17)</sup> Heb.

<sup>(18)</sup> Cf. G. STEFANI, *Terá ainda a liturgia necessidade da música?*, in Concilium 2(1969) 65-67; ver ainda J. GELINEAU, *art. cit.*, p. 68.

que interrompe toda a circulação, observando um andar tranquilo com as suas pausas.

Sem desprezar nada e sobretudo o tradicional e litúrgico, alguns cristãos preferem reunir-se e partir o Pão para se porem a andar velozes, dando assim um estranho testemunho aos irmãos que nas esquinas continuam fazendo bicha para ver passar a procissão, quietinhos, curiosos...<sup>(19)</sup>.

#### d) *A festa, o jogo e a dança*

A festa não é um mero jogo, mas possui elementos lúdicos. Festa e jogo têm de comum não estar subordinados a outra actividade e de não terem intenção utilitária. Mas a festa tem sentido para além de si mesma; o homem é dono do jogo mas não da festa, porque nesta intervém um factor que transcende os próprios intervenientes<sup>(20)</sup>.

Por outro lado, o jogo também pode ser júbilo e festa, tal como uma forma importante de oração que é a «acção de graças». Para exprimir a gratidão, a felicidade extrema ou simplesmente a alegria, nós cantamos, dansamos, batemos palmas, abraçamo-nos uns aos outros, e jogamos.

A Bíblia contém várias alusões a danças «diante do Senhor»<sup>(21)</sup>. Mas também no culto dos primeiros cristãos a dança tinha um verdadeiro lugar. A história das suas mutáveis relações com o cristianismo — aceitação, excesso, proscrição, retorno — é fascinante. A própria liturgia, sobretudo do Ocidente, sentiu a necessidade de uma maior expressão corporal.

### 5. A festa e o povo

A concluir, poderíamos perguntar-nos como é possível ligar o cristianismo ao jogo, ao riso, ao espírito de festa, num mundo cheio de conflitos, crueldade, racismo e exploração. Ora, quanto mais dura é a vida, tanto mais urgente é o renascimento das festas na cultura, a capacidade lúdica na vida e a liturgia na representação da liberdade cristã<sup>(22)</sup>. Celebrar a vida apesar da morte é uma afirmação de espe-

<sup>(19)</sup> Cf. P. LLANOS, *Corpus: procesiones y caravanas*, in *Vida Nueva* 10 (4-6-1977) 15.

<sup>(20)</sup> Cf. J. MATEOS, *o. c.*, p. 287.

<sup>(21)</sup> Cf. H. COX, *o. c.*, p. 65 s.; ver p. c.: 2 *Sam* 6, 5; 6, 14-16.

<sup>(22)</sup> Cf. J. MOLTSMANN, *art. cit.*, p. 237.

rança e mesmo de fé. É um dos raros modos que nos restam para dizer que há algo mais para além dos dados empíricos. De outro modo não haveria esperança nem celebração<sup>(23)</sup>. A festa é por si mesma um protesto e mantém a aspiração por uma vida mais justa.

A festa exprime a alma da comunidade e define-se pelo espírito que a anima. O cristão não despreza nada; antes «tudo o que seja verdadeiro ou respeitável, justo ou puro, tudo o que seja amável ou de boa fama, virtuoso ou louvável, se deve ter em mente» (Flp 4, 8).

Muitas populações, que já receberam a fé cristã, encontram-se ainda no estágio «religioso». Não há que precipitar as etapas, mas aceitar, mesmo na celebração, a expressão que conhecem. Mas pouco a pouco, com suavidade, é necessário ajudá-las na emancipação para que alcancem a maioridade<sup>(24)</sup>. Há necessidade de multiplicar e diversificar as festas que, partindo dos anseios e êxitos dos homens, anunciem sempre mais explicitamente a Jesus Cristo, encaminhando progressivamente até aos sinais sagrados da Igreja. Não se deverá esquecer que a festa é sempre a expressão comunitária, ritual e alegre de experiências e anseios comuns.

Finalmente, a festa cristã é e continua a ser a de uma comunidade toda ela de passagem. Santo Agostinho lembra-o bem num texto célebre: «Nesta terra, o cantor deve morrer; no céu viverá para sempre. Aqui, é a esperança que o faz cantar; lá, será a alegria. Aqui, é o *Aleluia* da caminhada; lá, o da pátria... Canta e caminha... Também para ti a caminhada é um progresso; mas que seja no bem. Canta, sem te enganares na estrada, sem voltares para trás, sem marcares passo no lugar. Canta e caminha!»<sup>(25)</sup>.

L. Ribeiro

---

<sup>(23)</sup> Cf. H. COX, *o. c.*, pp. 10.67.

<sup>(24)</sup> Cf. J. MATEOS, *o. c.*, pp. 292-293.

<sup>(25)</sup> *Sermões*: PL 38, 1193.

## Dossíveis elementos para a celebração das festas

A festa exprime-se necessariamente em *tempos festivos* e em *actos festivos*. Ao falar-se nos elementos da festa, apontam-se sempre a interrupção do ritmo habitual das ocupações da vida, quer dizer, a festa supõe o *repouso*, e a presença do *rito*, ou seja, a acção ou acções de ordem simbólica, por meio dos quais se celebra o tema que deu origem à festa.

No caso das nossas festas religiosas — e é este o suposto — os dias de festas têm normalmente uma parte dita religiosa e outra chamada profana em volta de um tema. É uma distinção prática, que, na origem, não supunha certamente oposição, mas complementaridade. (Basta pensar no calendário de grande parte das festas, ainda hoje designadas pelo nome do mistério ou do Santo, a cuja festa andaram ligadas, mesmo quando hoje já nada resta da celebração religiosa!

### O tema da festa

A festa tem como tema um *mistério* ou uma *pessoa* do calendário cristão, universal ou local. As grandes festas cristãs são as solenidades da Igreja universal. Todos os cristãos, em todo a parte, as sentam e as celebram. Muitas destas festas não tem manifestações festivas para além da celebração litúrgica. Muitas comunicam ao dia — e até aos dias mais próximos — o seu clima festivo, mesmo que não venham a prolongar-se em manifestações profanas, do tipo de arraial, como o Natal e a Páscoa, para não falar já de cada Domingo.

São estas, sem dúvida, as festas que, por si mesmas, em razão do mistério que celebram, devem ser celebradas como dias verdadeiramente festivos por toda a comunidade cristã.

Mas as festas que neste momento temos mais em mente são as *locais*, organizadas a partir da festa do orago ou padroeiro de cada

terra, segundo o calendário particular de cada lugar ou até completamente desarticuladas de qualquer calendário mesmo particular. Uma vez trata-se de festas tradicionais, que se originam realmente no calendário litúrgico, universal ou particular, mas outras vezes — e isto tem-se verificado sobretudo nos tempos mais recentes —, a festa não tem tema especial, é uma festa da comunidade local, a que, quando muito, se atribui um tema religioso, geralmente o Santo de «devoção» no lugar. Neste caso, a motivação festiva não é a celebração de um mistério ou de uma figura de hagiolégio cristão; pode então dizer-se que, no fundo, o que está em evidência não é a celebração litúrgica, mas o ambiente festivo. Quando muito, a festa conta também com um tempo de celebração religiosa, normalmente a Missa. Duas situações, que vão determinar dois tipos de celebração.

### A festa religiosa

É impossível, *a priori*, fazer um esquema completo das diferentes hipóteses de festas que se apresentam por esse Portugal além. Cada um terá de analisar a sua situação e tentar dar-lhe a solução que julgar mais adequada.

Parece, no entanto, que há um certo número de princípios que merecem ser tidos sempre em conta.

Naquelas festas que têm ainda por ponto de partida e até por centro o tema religioso é certamente da máxima oportunidade dar atenção a esse tema.

### A Missa da festa

A celebração central de festa religiosa é ainda a *Missa*; e o interesse que a participação na Missa tem merecido, nos últimos anos, reflecte-se já também nas Missas das festas. E bem! Já certo estilo de «Missa de festa», ou seja, aquele estilo a que certas festas levaram as suas Missas, sem participação inclusive pela comunhão, terá de sofrer profunda revisão. Esta revisão não será apenas a acomodação a um certo número de rubricas ou de leis novas, fruto da reforma litúrgica em curso, mas o ajustamento da celebração litúrgica a uma compreensão da celebração, agora mais esclarecida por essa mesma reforma litúrgica, ou antes, pelos princípios teológicos que lhe servem de base.

Assim, não terá já hoje sentido, pelo menos em princípio, a distinção outrora quase de preceito, entre a «*Missa de comunhão (geral)*» e a «*Missa*

*da festa*», como se a comunhão não fosse o primeiro elemento da participação festiva na Missa. Aliás, essa distinção de outrora essa possivelmente devida às exigências do jejum eucarístico, que não permitiam estar em condições de comungar, à maior parte das pessoas, até muito tarde. Mas o certo é que esse facto levou a definir dois tipos de Missa dentro do dia festivo, ambos incompletos e em oposição um ao outro.

Também o *sermão da festa* já não será uma peça oratória, desarticulada da Missa onde se há-de integrar, mas elemento agora inserido na sua celebração. A Palavra de Deus proclamada na Missa vem agora ocupar o lugar da citação bíblica que foi costume outrora servir de tema ao sermão, que muitas vezes não havia sequer intenção de articular com aquela proclamação. O púlpito barroco, no meio da nave, à maneira da época da Reforma, pode não ter já hoje a mesma função e pode talvez mais oportunamente ceder o lugar ao sítio da proclamação das leituras e da homilia, integrando-se assim melhor no ritmo geral da celebração da Palavra. O antigo subdiácono não pode já aparecer, por que já não existe — foi suprimida a Ordem correspondente —, e até... porque quase nunca existiu no nosso tempo: os nossos subdiáconos, bem como os diáconos na Missa cantada, eram nada menos do que presbíteros vestidos com as vestes daquelas Ordens, anomalia hoje impossível. Mas os diáconos podem e devem ter o seu lugar, se de facto os há. Os presbíteros nunca farão de diáconos, (não se fala mais de subdiáconos!); os presbíteros, quando muito, concelebram; mas não parece normal recorrer a concelebrantes só para solenizar a festa; a concelebração não serve para solenizar; a concelebração é a celebração normal numa assembleia onde, de facto, há vários sacerdotes, mas que não se convidam só para solenizar.

O *grupo coral* tem toda a *sua* razão de ser; a *sua*, mas não a dos outros, e não pode, por isso, absorver a participação que for possível obter da assembleia; e alguma sempre o será.

A celebração da *Eucaristia* deveria ser sentida como o centro feliz da festa da comunidade; aí ela *se reúne*, aí ela *escuta o Senhor*, presente no meio de si, aí ela oferece o *sacrifício* da comunidade, aí ela se senta à mesa para participar da *Ceia do Senhor*, aí ela canta a sua fé, a sua alegria, a sua esperança, daí ela parte em festa para os outros momentos da sua festa, em casa, na rua, no arraial até, por onde quer que a festa se prolongar...



## A procissão

Grande parte das nossas festas têm, como um dos seus «números», a procissão. Muitas das procissões degradaram-se. A impressão que daí resultou foi uma crítica, muitas vezes quase totalmente negativa, contra as procissões. Elas, no entanto, acontecem! Como vamos continuar a olhar para a procissão? Defendê-la? Condená-la? Suportá-la? Entendê-la para a saber fazer ou para a não fazer?...

A procissão é uma assembleia religiosa em marcha de um lugar para outro. Pode ter diversos fins específicos: súplica, penitência, acção de graças, proclamação dos benefícios de Deus, etc.. Mas é uma assembleia cristã. É esta uma das notas que logo a distingue de qualquer outro cortejo. Ela é uma assembleia de fé. E é uma assembleia em marcha, caminhando. Por este aspecto, a procissão lança mão de um sinal dos mais humanos: o caminhar em grupo, mais ainda, como assembleia. Tão humano é este sinal, que ele surge espontaneamente por toda a parte, com as mais diversas significações. O caminhar em procissão permite até uma interiorização muito própria, que se torna, ao mesmo tempo, meditação, expressão e assimilação de determinado tema espiritual, desde o mais doloroso, como no funeral, até ao mais festivo, exuberante, aclamativo, como em procissão de festa. Na procissão as pessoas mantêm-se necessariamente activas; como na celebração dentro da igreja, embora com uma participação própria deste tipo de assembleia: o canto é a forma mais indicada. Se se recorre a fórmulas para serem ditas, a forma litânica está naturalmente indicada.

Daqui resulta que a procissão supõe a incorporação nela; a procissão não é para ser vista ou presenciada, mas para nela se tomar parte, activamente, cantando, rezando ou simplesmente marchando, em assembleia, em igreja, até porque a procissão permite, de maneira feliz, expressar e como que fazer sentir a situação da Igreja que, caminha, peregrina, «para a casa do Senhor» (Sl. 121).

Apesar de todas estas considerações terem, sem dúvida, muito de lindo, as procissões põem sérios problemas pastorais. Logo o primeiro é o de saber-se se elas devem ter lugar, hoje, nas nossas vias públicas, dado o ambiente tantas vezes pouco cristão. Sendo manifestação de fé cristã, parece que elas supõem o mínimo de ambiente cristão. Talvez devêssemos distinguir entre procissões e procissões. A procissão com a Ss. Eucaristia não é certamente da mesma natureza que uma procissão de súplica e penitência ou a procissão com imagens de Santos. Enquanto que a primeira supõe certa iniciação no mistério eucarístico, no prolongamento da Missa, a segunda toca mais facil-



mente o coração de quem se sente necessitado ou em aflição (o que não é difícil de fazer sentir) e a última se apoia na expressão aclamativa e de glorificação dos Santos, nascida do sentimento de festa e de alegria, nem sempre profundo e esclarecido.

Estas manifestações populares têm o seu sentido, como têm também tendência a fácil degradação. Exigem atenção constante, catequese adequada e celebração bem estruturada e bem realizada. A repetição, ano a ano, de tais manifestações, a competição mais ou menos intencional das comissões responsáveis em cada ano, a evolução da vida de fé ao longo de toda a vida da comunidade vai reflectir-se também nestas e em outras celebrações mais espaçadas dentro do ano.

Mesmo no caso de deterioração, a supressão pura e simples não parece normalmente de aconselhar, a não ser em casos-limite. Dado que se trata de uma coisa boa em si, o ideal será a recuperação a partir da formação das pessoas, de uma catequese exacta e de uma celebração tanto quanto possível certa, em que o secundário se não sobreponha ao principal, o aparato à celebração, a ostentação à fé, a riqueza, quando não o desperdício, ao bom gosto e à «nobre simplicidade» (cf. Concílio Vat. II, SC 34). Tudo isto é mais fácil dizê-lo do que fazê-lo; mas é já muito reflecti-lo antes de o ter de fazer.

### **Para além da liturgia das festas**

As nossas «festas de Igreja» com frequência transvasam para a rua e prolongam-se no arraial. É coisa velha e não é necessariamente um mal. Tudo está em que o profano seja a manifestação profana do sentido da festa religiosa, (se este falar não se presta a equívocos, que se não querem levantar). Um pouco à maneira do Domingo, o Dia do Senhor, dia da Ressurreição, dia da assembleia eucarística, do qual está dito que, por isso mesmo, se há-de tornar «também dia de alegria e de descanso do trabalho» (ib. 106), com as manifestações que lhe correspondam. O calendário popular está cheio de feiras e festas profanas, na origem ou ainda hoje ligadas a festas litúrgicas e que, em grande parte, ainda como tais são designadas. E o nosso folclore, principalmente no que respeita à música, é um reportório que largamente testemunha a sua origem litúrgica. E até tradições pagãs e pré-cristãs, (como as fogueiras do Natal e de S. João, nos dois solstícios do inverno e do verão), poderam ser integradas no calendário dos cristãos, em ligação muito próxima com a celebração litúrgica;

(há ainda no Rítual Romano uma benção para a fogueira de S. João: R. R., IX, III, 13).

A pastoral dos tempos passados soube fomentar ou integrar estas e outras expressões festivas no prolongamento das festas cristãs; certamente nem sempre de maneira feliz e sem perigos. Estes continuam, e serão talvez até maiores em nossos dias. A solução não há-de todavia procurar-se tanto nessas manifestações em si mesmas, como na consciência da festa que há-de existir nos cristãos que a celebram. Todo o homem que nasce é mais um que precisa do Baptismo; assim também os seus costumes e as suas festas: em cada ano que se celebram precisam de ser recuperadas na pureza da fé e na santidade da celebração. A isso também se destinavam as tradicionais preparações das festas, em tríduos ou novenas, que, mais do que antecipações festivas do dia da festa, deviam funcionar como momentos calmos de catequese e oração sobre o tema que a festa há-de celebrar.

*J. Ferreira*

# Festas populares e evangelização

## Um testemunho da Equipa Sacerdotal de Aldeia Galega — Merceana

*Aldeia Galega da Merceana é uma paróquia do Patriarcado de Lisboa, do concelho de Alenquer, actualmente confiada ao cuidado pastoral de uma equipa formada pelos Padres Joaquim Batalha, Joaquim Martins, João Marcos e pelo diácono Teodoro, que têm também a seu cargo outras paróquias da região.*

A Merceana está integrada, do ponto de vista sócio-religioso numa zona tradicionalmente marcada pela indiferença e por um anti-clericalismo que republicanos e maçons alimentaram, mas que tem a sua origem no mau testemunho de frades e padres que durante séculos viveram presos a esta região mais pela sua riqueza agrícola que por interesses pastorais.

Na primeira metade deste século, a seguir às tempestades da 1.ª República, esta zona esteve entregue a párocos que, se conseguiram pela sua bondade fazer desaparecer o anti-clericalismo, nem por isso conseguiram que a semente lançada à terra chamasse este povo da sua cómoda indiferença a uma vivência comunitária da fé.

Actualmente, a pouquíssima frequência dos Sacramentos e a baixa percentagem da prática dominical falam por si. Quando há dois anos aqui chegámos, verificámos que esta gente é naturalmente religiosa, denunciando as suas práticas motivações quase exclusivamente de tipo cosmológico, e, portanto, pagãs. Como era de esperar, a presença libertadora da fé cristã é irrelevante.

### O gosto pelas festas

Muito reveladoras da religiosidade desta gente são as suas numerosas festas, quer profanas quer religiosas.

Podemos agrupá-las em dois sectores, conforme a quantidade de pessoas que mobilizam:

- As festas familiares ou de pequenos grupos, por ocasião dos baptizados, casamentos, aniversários, etc., que consistem sempre num lauto banquete.

Aliás, para eles a festa é o banquete, e o resto apenas pretextos. Uma família pobre pode adiar vários anos um baptizado até que «possa fazer a festa» — quer dizer — até que tenha dinheiro suficiente para o banquete desse dia.

- As festas que movimentam a aldeia podem ser simplesmente profanas como os bailes, pamlonas (tourada), teatro, fados e variedades, ou religiosas e profanas simultaneamente, como são habitualmente as festas dos Santos.

Promovidas quase sempre pelas Comissões de Moradores, apresentam geralmente um programa grandioso e variado, com procissão, arraial, quermesse, bailes, ranchos folclóricos, etc..

Das festas ligadas ao tempo, se exceptuarmos o Natal e o Carnaval, notamos que as outras, de expressão mais religiosa, como a Páscoa, lhes passam despercebidas.

Como se sabe, esta necessidade de festas é constante em todas as sociedades e em todos os estratos sociais. Porquê esta constante necessidade da festa?

Partindo da realidade concreta em que estamos inseridos, encontramos como motivações profundas destas manifestações a necessidade de negar o quotidiano fastidioso e monótono por uma convocação dos sentidos ao gozo de situações excepcionais e intensas. A vista, o ouvido, o gosto, o cheiro e o tacto são alimentados pelos desfiles e procissões (em que fardas e opas são muito importantes), pela música e pelos foguetes, pelos perfumes, pelas suculentas jantaras, pela dança, etc..

Verificamos também que as festas são para estas pessoas, quantas vezes impotentes perante a vida real, uma alienação, uma «libertação». De facto, é de maneira fatalista que esta gente sofre o dia-a-dia, e isso explica o lugar desmesurado que as festas ocupam, sobretudo para a parte masculina da população.

Esta função alienante da festa é ainda reforçada pela estranha sedução do jogo da batota, em que a certeza fecunda do trabalho é posta de parte pela ilusão de um lucro imediato e fácil: jogo sempre presente nestas festas, apesar da legislação que o proíbe.

Aliás, as festas profanas são organizadas sempre com fins lucrativos, e são portanto comandadas pelo dinheiro.

Acrescente-se ainda que é função das festas dar espaço à vaidade de um indivíduo ou da terra, que se mostra e que assim compete com os outros e com as terras vizinhas.

Se exceptuarmos as procissões dos Passos, não encontramos aqui festas que sejam apenas «religiosas». Festa religiosa para esta gente é antes de mais a procissão — elemento importantíssimo para a exibição de cada indivíduo e de cada aldeia; a missa e o sermão ficam naturalmente num plano secundaríssimo. E festa que não juntasse a isto um arraial com baile, ranchos ou variedades, etc., não mereceria o nome de festa. Por isso as procissões dos Passos, manifestações importantíssimas dos «deuses populares», não são consideradas festas.

### **Perante os factos**

Alguns padres têm recusado colaborar em festas assim pagãs, em que a procissão sem grandes tradições apenas funcionaria como cartaz para juntar gente para os bailes e quermesses. Essa atitude interrogou alguns poucos e irritou a maioria, sempre preguiçosa para ouvir razões e reflectir. A nós, pessoalmente, abriu-nos caminho para dialogarmos com o povo já a outro nível.

Desde o princípio decidimos nada reformar sem primeiro o ponto em questão ser discutido e aceite em Assembleia Popular.

Não nos restam dúvidas de que estas festas «religiosas», cheias de ambiguidade, espelham a própria ambiguidade da vida destas pessoas. As suas motivações são profanas e religiosas, mas não evangélicas, e sentimo-las feitas mais em honra dos festeiros e da freguesia, que em honra de Deus ou dos Santos. Nada ou quase nada têm a ver com o Evangelho. Esta verificação é importante, mas não basta. É necessário que surjam da nossa parte propostas novas. Aqui está um desafio à criatividade dos agentes pastorais.

Num meio como este, sem comunidades cristãs e sem tradição de prática sacramental, nada nos pode iludir de que tudo está por fazer. Naturalmente, o povo apenas vê em nós funcionários religiosos, mas a nossa actuação é toda orientada para o anúncio de Jesus Cristo, esse ilustre desconhecido destes que apesar de tudo ainda se dizem cristãos.

No capítulo das procissões tradicionais, tal como os nossos antecessores, negamo-nos a fazê-las, se não têm tradição forte no povo

e se aparecem apenas como número de cartaz para chamar gente. Desde o princípio deixámos bem claro que não estamos aqui para fazer vontades a ninguém, mas para realizarmos a vontade de Deus, que é educar o povo para a verdadeira liberdade. Nas procissões de maior tradição, que juntam muitas centenas de pessoas levadas embora por sentimentos muito diversos, as nossas intervenções têm consistido em colocar a Palavra de Deus diante das pessoas.

### **Tentando renovar**

Assim, nas procissões dos Passos valorizámos os Passos propriamente ditos com a leitura da Paixão, sublinhada por um cântico mais apropriado, e com a introdução de letreiros com frases da Paixão do Senhor.

Em outra procissão de velha tradição, com a bênção das vinhas, inserimos uma Representação Bíblica, seguida de curto sermão. Também aqui vários cartazes ajudaram a polarizar a atenção das pessoas na Palavra de Deus.

Certamente, não temos ilusões de que sejam estas intervenções a transformar as pessoas e a cristianizar as festas pagãs. Elas são para as pessoas, a diversos níveis, sinal de que algo de novo surge na Igreja. Aliás, estas Representações Bíblicas de pouco valeriam, se uma boa parte dos devotos não tivesse participado antes em reuniões de preparação para a festa, em que a mesma Palavra foi lida e reflectida em grupo.

Ao fim de dois anos são já dez as Representações Bíblicas que fizemos em diversas circunstâncias, mas sempre preparadas com as pessoas em pequenos grupos, e promovendo a sua participação através de um cântico apropriado, que as torna mais vivas.

Dentro deste capítulo, registamos ainda a curiosa experiência que foi renovar a Novena medieval da Senhora da Conceição no Pereiro de Palhacana, fazendo letras novas para as músicas velhinhas e organizando cada serão em torno de um tema ligado a Maria e à vida real daquela gente.

Tudo isto não passa de intervenções que lavram este terreno calcado e abandonado tantos anos, e o tornam mais capaz de aceitar e fazer germinar a boa semente da Palavra de Deus.

## Ainda uma nova festa

Os Cursos Bíblicos que estamos fazendo anualmente em cada paróquia já são semear. Duram quatro semanas cada um, e terminam sempre com a Festa da Palavra de Deus, a única que por aqui nos parece liberta de motivações pagãs, e do enquadramento habitual.

Esta festa realiza-se sempre fora dos locais de habitação. Ninguém está lá por acaso. É necessário ir. Vai-se cantando em procissão, partindo de cada lugar da freguesia com uma cruz à frente e uma frase da Sagrada Escritura que, junta às dos outros lugares, resume os temas do Curso Bíblico.

Depois de uma oração inicial, representa-se uma passagem do Evangelho que a seguir será estudada em grupos. Após o trabalho de grupos, cada um põe em comum o seu farnel sobre uma grande mesa. Segue-se um plenário que termina com homilia e oração. A celebração da Eucaristia encerra a festa que não tem foguetes, nem banda, nem baile. Só a Palavra de Deus, que nos ensina a partilhar e a viver a vida, reúne ali as pessoas.

Do segundo Curso Bíblico surgiram Grupos de Leitura Bíblica que todas as semanas vão aprendendo a iluminar as suas vidas com a Palavra de Deus, ajudados apenas por uma pequena introdução e algumas perguntas que nós lhes enviamos.

Estas Festas da Palavra de Deus são para as pessoas uma aprendizagem do que é a verdadeira festa; são o necessário termo de compensação para sentirem necessidade de transformar não apenas as festas tradicionais, mas sobretudo o que elas manifestam — os falsos fundamentos da sua vida.

Radicalmente diferentes das festas anuais que o tempo ciclicamente nos «obriga» a repetir, estas são etapas contadas de um crescimento que a Palavra do Senhor provoca na Igreja. São a 1.<sup>a</sup>, a 2.<sup>a</sup>, a 3.<sup>a</sup> Festa da Palavra de Deus, e não apenas «a Festa» da Palavra de Deus.

A reacção das pessoas ao nosso trabalho de valorização das festas tem sido favorável. Começam a sentir que podem não apenas manter velhas tradições, mas também criar outras que expressem melhor a vida cristã, a partir dos próprios valores culturais do povo.

Não foi por acaso que lançámos mão das Representações Bíblicas para esta dinamização. Verificámos que na Missa as leituras entram por um ouvido e saem por outro. O mesmo não acontece com a Palavra visualizada.



Não é de desperdiçar o impacto do teatro no povo. Aliás, mais não fazemos que reatar a tradição dos «mistérios» medievais, que, tornando a Bíblia acessível ao povo, destruíam as fronteiras entre a história sagrada e a vida quotidiana.

Prova do que afirmamos foi ter sido o conteúdo de algumas destas Representações amplamente discutido nas tabernas, cafés e lavadouros públicos. O facto de um grupo ter de assimilar e decorar a Palavra que há-de transmitir é também um factor muito importante.

Tudo isto exige para os pastores um respeito muito grande pelos valores culturais do povo que aparecem certamente no meio de muita ganga, para que a acção pastoral não seja colonização. Exige-se também muita coragem aliada à criatividade e à paciência para encontrar as melhores maneiras de actuação, e perspectivar sempre tudo para o nascimento e crescimento de verdadeiras comunidades cristãs.

*Equipa Sacerdotal Rural*



# Noticiário

---

## III ENCONTRO NACIONAL DE PASTORAL LITÚRGICA

### A CELEBRAÇÃO DA EUCARISTIA NA COMUNIDADE CRISTÃ

Destinado a todos os cristãos (leigos, religiosos e padres) que estão empenhados na animação das celebrações eucarísticas a qualquer nível — local, paroquial ou diocesano — o III Encontro Nacional tem o seguinte PROGRAMA:

1. *Leitura sociológica e pastoral do recenseamento da prática dominical*  
por D. Manuel Franco Falcão, bispo coadjutor de Beja
2. *A Missa ou Ceia do Senhor, centro da vida cristã*  
pelo Padre José Ferreira
3. *O problema pastoral da iniciação à Eucaristia*  
pelo Padre Dr. Luís Ribeiro de Oliveira
4. *A celebração da Missa e a sua estrutura dinâmica*  
mesa redonda orientada pelos Padres: Dr. Luciano Paulo Guerra, José Ferreira, Dr. José de Leão Cordeiro e Dr. Luís Ribeiro de Oliveira
5. *A diversidade das formas musicais e o uso dos instrumentos nos vários momentos da celebração*  
pelos Padres Drs. Manuel Luís e António Ferreira dos Santos

### Condições de inscrição

*Local* — Casa de Nossa Senhora do Carmo — Santuário de Fátima

*Data* — Do dia 19 de Setembro (às 21 horas) até ao dia 23 (ao meio dia)

*Inscrição* — A inscrição deverá fazer-se no Secretariado Nacional de Liturgia — Seminário de Aveiro — Aveiro (Tel. 22172), até ao dia 5 de Setembro.

*Condições* — Cada participante contribuirá com 250\$00 para a inscrição. Sendo casal, o contributo da inscrição será de 250\$00 para os dois.

Se precisar de se hospedar durante os quatro dias e se esta hospedagem ficar a cargo da organização, satisfará esta inscrição e poderá optar pelas seguintes modalidades:

hospedagem completa com quarto individual (número limitado)	750\$00
hospedagem completa com quarto de duas camas	600\$00
hospedagem completa com quarto entre três a sete camas	450\$00
só refeições nos quatro dias	400\$00

Dadas as dificuldades em arranjar quartos para todos os possíveis participantes deste Encontro Nacional, e desejando resolver este problema para os mais necessitados, muito agradece o Secretariado que os participantes tentem conseguir pessoalmente onde possam pernoitar em Fátima.

O Secretariado Nacional de Liturgia

## PAULO VI FALA DA REFORMA LITÚRGICA

No último consistório, o Papa Paulo VI abordou os problemas mais delicados da vida da Igreja e, entre eles, não deixou de se referir à **reforma litúrgica** e de acentuar os seus «frutos benéficos».

Pela censura dos abusos e liberdades na aplicação desta reforma, por um lado, e pelo apelo aos tradicionalistas que recusam a renovação conciliar, por outro, vê-se bem a que mentalidades extremistas o Papa se dirige. A fidelidade a que o Santo Padre exorta é à Igreja que existe hoje, e não à Igreja que existiu ontem ou que há-de existir amanhã.

Tanto o culto cego do passado como a antecipação imponderada do futuro contestam a presente Igreja, que procura renovar-se e adaptar-se aos sinais dos tempos na continuidade dos valores fundamentais de sempre.

Transcrevemos da alocução pontifícia a parte referente à reforma litúrgica:

«Um ponto particular da vida da Igreja atrai hoje de novo a atenção do Papa: os frutos indiscutivelmente benéficos da reforma litúrgica. Desde que foi promulgada a Constituição Conciliar «Sacrosanctum

Concilium», seguiu-se grande progresso, que veio corresponder aos fundamentos lançados pelo movimento litúrgico dos fins do século XIX, e lhe satisfaz as aspirações profundas, objecto do trabalho e das orações de tantos homens da Igreja e de tantos especialistas.

O novo Rito da Missa, por Nós promulgado a seguir a longa e conscienciosa preparação feita pelos organismos competentes, e no qual foram introduzidos ao lado do Cânon Romano, conservado sem alterações substanciais, outras eulogias eucarísticas, deu frutos abençoados: maior participação na acção litúrgica, mais viva consciência da acção sacra, mais profundo e mais extenso conhecimento dos tesouros inexauríveis da Sagrada Escritura, incremento do sentido comunitário na Igreja.

O decorrer destes anos mostra que estamos no bom caminho. Mas houve infelizmente — mesmo na grandíssima maioria das forças sãs e boas do clero e dos fiéis — abusos e liberdades na aplicação. Chegou a hora de pôr de lado, e definitivamente, os fermentos desagregadores, igualmente perniciosos num e noutro sentido, e de aplicar integralmente, dentro dos justos critérios que a inspiraram, a reforma por Nós aprovada como aplicação dos votos expressos pelo Concílio.

Aos contestadores que, em nome duma mal entendida liberdade criativa, tanto mal fizeram à Igreja com as suas improvisações, banalidades e ligeirezas — e até com algumas deploráveis profanações — Nós pedimos com toda a instância que observem a norma estabelecida: se esta não fosse respeitada, poderia desaparecer a própria essência do dogma, para não dizer apenas a essência da disciplina eclesiástica, segundo a norma de ouro: «a lei de orar é a lei de crer». Pedimos fidelidade absoluta para salvaguardar a «regra da fé». Estamos certo que, neste propósito, colabora conNosco a incansável, esclarecida e paternal acção dos Bispos, responsáveis pela fé e pela oração católica em cada diocese.

Mas com igual direito, convidamos os contestadores, que se obstinam na sua recusa — apelando para uma tradição que mais parece bandeira da insubordinação teimosa do que sinal de autêntica fidelidade —, convidamo-los a escutar a voz do Papa e dos Bispos, como é seu dever rigoroso, a compreender o significado benéfico das modificações ocidentais introduzidas nos Sagrados Ritos (que representam verdadeira continuidade, muitas vezes mesmo reevocação do que é antigo com adaptação ao que é novo), e a não obstinar-se numa insensibilidade preconcebida e incompreensível. Pedimos-lhes em nome de Deus: *‘Supplicamo-vos em nome de Cristo, reconciliai-vos com Deus’*.

## LITURGIA DAS HORAS

Na sua última reunião mensal, o Secretariado Nacional de Liturgia encarou o problema das futuras edições portuguesas da Liturgia das Horas. A primeira edição, como se sabe, foi vendida em dois meses, constituindo um notável e inesperado êxito de livraria. Os últimos fascículos desta obra estão neste momento a sair dos prelos da tipografia.

Esgotada a primeira edição e verificada a urgência de satisfazer as comunidades religiosas, os padres e os leigos interessados, deliberou-se reeditar a Liturgia das Horas na sua versão integral. Ter-se-á naturalmente o cuidado de corrigir as gralhas e outros erros, que saíram na primeira edição. Esta reedição voltará a ficar a cargo da Editorial Franciscana de Montariol.

Há comunidades religiosas e muitos leigos que estão ansiosos pela Liturgia das Horas, mas que pensam apenas nas *Horas* mais importantes e significativas do dia, especialmente em Laudes, Vésperas (e Completas). O Secretariado assumiu a responsabilidade de suprir esta carência, editando uma versão com as referidas *Horas*.

Finalmente, há comunidades paroquiais, seminários, pequenos grupos e muitos fiéis interessados numa edição ainda mais simples. A editorial Franciscana cobrirá este sector, adaptando para tal efeito e melhorando o seu conhecido livro *Rezar com a Igreja*.

A versão portuguesa da Liturgia das Horas está destinada a marcar profundamente a oração e a espiritualidade dos nossos católicos. Um dia havemos de publicar os dados fundamentais da sua história. Até lá, Deus permita que estes projectos se realizem com a maior brevidade e de modo a corresponder às esperanças em nós depositadas.

## I ENCONTRO DE ANIMADORES DAS ASSEMBLEIAS DOMINICAIS DE AVEIRO

No dia 10 de Julho realizou-se em Aveiro o I Encontro diocesano de Animadores das Assembleias Dominicais.

Uma centena de participantes, oriundos das várias zonas da Diocese, seguiram com o maior interesse as três palestras principais e as várias intervenções ocorridas durante os colóquios.

A teologia da assembleia foi tratada pelo Padre Dr. Georgino Rocha, que partiu das assembleias concretas que dominicalmente se formam nos centros de culto pela Diocese e incluem em média oitenta mil pessoas, para depois encontrar na Bíblia os valores teológicos que justificam e enriquecem as assembleias cristãs. A assembleia exige a fé como elo de ligação com Deus, o baptismo como vínculo da comunidade e alguns ministérios como formas de serviço organizado.

Disse, em conclusão, que a assembleia é uma comunidade legitimamente convocada e actualmente reunida para escutar a Palavra de Deus, orar com toda a Igreja, celebrar o sacrifício eucarístico, na esperança do regresso do Senhor que veio e há-de vir.

Depois houve um breve colóquio em que foram apresentados alguns problemas sobre as assembleias, os pequenos grupos e as celebrações paroquiais.

Mons. Aníbal Ramos apresentou a Liturgia como o serviço público por excelência na Igreja e como o culto integral do Corpo Místico de Jesus Cristo. Acentuou que a participação activa e consciente era um direito e um dever consignados na Constituição sobre a Liturgia e apontou, caracterizando-os, os vários ministérios, desde a limpeza e adorno dos locais da celebração até ao serviço da presidência, sem esquecer os serviços do acolhimento da Palavra de Deus, da oração, do canto, das ofertas e da mesa. Todos estes serviços exigem servidores, todos estes ministérios exigem ministros. Na distribuição dos ministros litúrgicos, a Igreja considera três factores principais: as necessidades reais da assembleia, a competência e os carismas das pessoas e o significado das várias formas de serviço. Não deixou de recordar, no fim, que, tendo as pessoas na Igreja valor de sinal sagrado, sempre se sentiu a conveniência de os ministros manifestarem na vida o que proclamam por palavras ou traduzem por gestos.

Seguiu-se uma troca de impressões em que se debateram problemas concretos relacionados com os vários serviços litúrgicos, nomeadamente a falta de leitores e os processos a utilizar na sua preparação.

Após o almoço, fraternalmente posto em comum, e um intervalo em que os jovens presentes fizeram um excelente trabalho de animação através da música e do canto, recomeçaram as actividades da tarde.

Henrique Lemos deu um testemunho da sua acção de animador da assembleia desde a juventude, sobretudo através do toque do órgão e do harmónio, e respondeu a várias interrogações mais relacionadas com a qualidade da música litúrgica e o uso dos instrumentos nas celebrações.

Representantes das equipas de animação paroquiais, nomeadamente da Glória, Vera Cruz, Gafanha da Nazaré, Águeda e Oiã, deram também o seu testemunho, falando dos seus métodos de actuação e apresentando as suas dificuldades.

O Padre Dr. António Ferreira dos Santos, do Porto, expôs o seu pensamento sobre o papel da música nas celebrações litúrgicas. Disse, concretamente, que a música ampliava, exteriorizava e interiorizava as ideias dos textos e as ideias inerentes às situações; fazia de um conjunto de pessoas heterogéneas um grupo e uma assembleia; era a expressão mais inequívoca do «instinto celebrativo» do homem.

A música litúrgica, porque ligada à celebração do Mistério Pascal, tinha características próprias. As melodias deviam nascer dos textos, ser compostas por quem sabia compor, apresentar-se como sendo para todo o povo reunido em assembleia, ter em conta os diversos ritmos da celebração e contribuir para que a assembleia testemunhasse uma realidade viva e hierarquizada. Os instrumentos, quando os houvesse, deviam ser adaptados ou adaptáveis às exigências próprias da celebração litúrgica.

No fim, Mons. Aníbal Ramos presidiu à celebração da Eucaristia, que foi consciente e vivamente participada por toda assembleia, e à homilia disse algumas palavras de orientação e estímulo para os animadores das celebrações litúrgicas na Diocese.

## NOVA REVISTA DE MÚSICA SACRA

Já vai no número 3 a segunda série desta revista trimestral bracarense, que é dirigida pelo Cônego Dr. Manuel Ferreira de Faria, tem como redactor o Padre Manuel Brito da Silva e como administradores os Padres Joaquim de Azevedo Mendes de Carvalho e António de Azevedo Oliveira, e é edição e propriedade da Comissão Bracarense de Música Sacra.

Do editorial, que explica os motivos da suspensão da revista ao fim de três anos de vida, precisamente quando atingiu o 12.º número, e apresenta o novo projecto, transcrevemos o seguinte passo: «Na nossa equipa injectou-se o sangue novo de jovens colegas animados do mesmo espírito e de generosidade e engenho bem preciosos, senão mesmo indispensáveis ao enriquecimento e renovação da nossa obra. Auscultamos críticas sérias e bem intencionadas (assim como deixamos no cesto dos papéis as malsãs e algumas pérfidas), atendendo ainda sugestões válidas de pastores ansiosos por resolver dificuldades pasto-



rais que, neste campo, se lhes vão deparando; procuraremos, por outro lado, o máximo de acessibilidade prática e funcional dos cânticos em suas diversas versões — ora monódicas, ora corais — embora sempre sem pisar o risco do mau gosto ou profanidade e impreteritamente fiéis às determinações superiores da Igreja como se nos manifestam nos seus documentos oficiais, nomeadamente na Constituição sobre a Sagrada Liturgia do Concílio Vaticano II e da Instrução MUSICAM SACRAM. Faremos ainda acompanhar cada número da Revista de uma CASSETE com a gravação de todos os seus trechos para ajudar os colegas menos peritos a ensiná-los aos seus fiéis. Finalmente, muito nos pesa ter de anunciar o inevitável aumento de custo da assinatura, que, mesmo assim, não ultrapassará, por agora, os 150\$00 anuais, mantendo-se o número de páginas e a periodicidade ajustada aos quatro ciclos litúrgicos — Advento, Quaresma, Páscoa e PER ANNUM. Para que o nosso projecto se não torne inviável, contamos com a franca e leal colaboração de todos os colegas, não somente na assinatura que pode e deveria mesmo estar adstrita ao arquivo paroquial, mas ainda na sua distribuição e respectiva cobrança, que alivie uma administração, que infelizmente tem de continuar a sobrecarregar quem de tarefas apostólicas não vive nada folgado...

Confiando sobretudo no encorajamento do nosso Excelentíssimo Prelado, no meio de todas estas dificuldades e obstáculos, assumimos a resposta de Pedro ao Senhor, ao cabo de toda uma jornada de trabalho aparentemente em vão: «in verbo tuo laxabo rete».

## ENCONTRO DE COROS PAROQUIAIS DE BRAGA

Em fins de Março passado, realizou-se na igreja de Santa Cruz o encontro dos coros paroquiais da arquidiocese de Braga. Foi seu principal organizador o Padre José Fernandes da Silva, pároco de Viatodos.

Perante uma assistência sempre atenta e interessada, que esgotou a capacidade da igreja de Santa Cruz, foram-se apresentando os vários grupos corais:

Avé Maria de Barqueiros (Barcelos) — com 56 elementos regidos por Cecílio Cachada de Magalhães; de Lousado (Famalicão) — com um programa clássico e tendo como director Luís de Magalhães; de Maximinos (Braga) — dirigido por Jorge Barbosa; de Terroso

(Póvoa de Varzim) — grupo misto com 34 elementos dirigido por Adelino da Costa Fonte; Alegre-Mensagem de S. Lázaro (Braga) — sob a direcção do Padre Norberto Fernando Gomes; de S. José (Póvoa de Varzim) — acompanhado de um excelente organista; Ribeirão — dirigido pelo Padre Henrique Faria; de Fermentões — sob a batuta do Padre Armando Luís de Freitas; de Padim da Graça (Braga) — sob a direcção do Padre Dr. António Ferreira Rodrigues; de Viatodos (Barcelos) — com uma paraliturgia quaresmal de som e cor, dirigida pelo Padre Fernandes da Silva.

O encontro terminou com a Benção do Santíssimo Sacramento, tendo todos os coros cantado a 4 vozes o Tantum Ergo e o Bendito.

## BOLETIM DE MÚSICA LITÚRGICA

Continua a publicar-se com regularidade, boa apresentação e real interesse o BOLETIM DE MÚSICA LITÚRGICA, que se iniciou há cinco anos e já apresentou até agora mais de duas dezenas de números.

Propriedade de Livraria Telos Editora, tem como director o P. Dr. António Ferreira dos Santos e está integrado no Serviço Diocesano de Música Litúrgica, do Porto.

Desde o princípio, cada número sai antes dum tempo litúrgico e, de acordo com o projecto primitivo, consta de «um artigo de enquadramento do respectivo tempo, dum cântico devidamente explicado sob o ponto de vista litúrgico e musical, duma outra secção que inclui um breve comentário a alguns cânticos julgados também importantes, duma secção em que se apontam outros cânticos com indicação do lugar onde se encontram, e finalmente duma secção de informação».

## I ENCONTRO DE COROS PARA A LITURGIA NO PORTO

No dia 19 de Junho, realizou-se na Sé do Porto o I Encontro Diocesano de Coros para a Liturgia, constando fundamentalmente de uma Celebração Eucarística presidida pelo Vigário Geral e celebrada por alguns sacerdotes diocesanos e religiosos, e de um convívio/confronto.

Na celebração, de manhã, a Sé encontrava-se totalmente cheia com mais de 600 pessoas, componentes dos coros, familiares e amigos.



A celebração foi festiva e teve a participação de toda a assembleia, nomeadamente pelo canto, acompanhado por órgão, trompete, trombone, tímpanos e guitarra clássica.

De tarde, em ambiente de alegria e festa, apresentaram cânticos litúrgicos para a Celebração Eucarística, os coros de: Lamas, Seixezelo, Sandim, Carvalhos, S. João da Madeira, Esmoriz, Recesinhos, Psallite-Gondomar, Mafamude, Guilhufe e Irivo, Leça da Palmeira, Psallite-Juvenil-Gondomar, Ovar, Foz do Douro, Bougado, Cristo-Rei, Seminário Maior, Sermonde, Trofa e Valbom.

Viu-se neste convívio / confronto tanto o trabalho que os coros vão realizando e que atinge em alguns casos boa qualidade musical e bom senso litúrgico, como a imagem, na Diocese, da música litúrgica, suas carências e exigências.

Na sessão de encerramento, o Rev. Dr. António Ferreira dos Santos, numa breve alocução, louvou o esforço, trabalho e entusiasmo que os coros presentes manifestaram, disse que nem tudo o que se tinha ouvido poderia ser considerado como música para a liturgia, e pediu aos presentes que prosseguissem na procura séria e programada de formas e expressões musicais verdadeiras e dignas das celebrações cristãs.

Em gesto de acolhimento aos outros coros, o Coro da Sé Catedral do Porto cantou o *Magnificat* de G. Gabrieli a 2 coros (8 vozes).

No final, os coros participantes, cerca de 500 vozes, acompanhados por trompete, trombone, tímpanos e órgãos, cantaram o coral de J. S. Bach — «É já Ressuscitado o Salvador».

O Vigário Geral da Diocese transmitiu os votos do Sr. Bispo, ausente em Roma, deu a bênção e despediu a assembleia.